

FACULDADE PERNAMBUCANA DE SAÚDE

AMANDA BEZERRA DA SILVA

GLAYCIELI SILVA DO NASCIMENTO

VIVIANE FRANCISCA DOS SANTOS

**ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO UTILIZADAS POR ENFERMEIROS
NO ATENDIMENTO A PACIENTES COM NECESSIDADES ESPECIAIS
AUDITIVAS.**

RECIFE

2014

FACULDADE PERNAMBUCANA EM SAÚDE

AMANDA BEZERRA DA SILVA

GLAYCIELI SILVA DO NASCIMENTO

VIVIANE FRANCISCA DOS SANTOS

**ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO UTILIZADAS POR ENFERMEIROS
NO ATENDIMENTO A PACIENTES COM NECESSIDADES ESPECIAIS
AUDITIVAS.**

Trabalho de pesquisa para Conclusão do Curso
de Bacharelado em Enfermagem da Faculdade
Pernambucana de Saúde

Orientadora: Eliana Valentim da Silva

Coorientadora: Maria Cristina dos Santos Figueira

RECIFE

2014

RESUMO:

A comunicação entre o enfermeiro e o paciente é um dos pontos importantes para uma assistência de enfermagem eficaz, favorecendo um melhor vínculo com o paciente. Algumas pessoas com deficiência auditiva conseguem fazer leitura labial e conseguem compreender as pessoas através de sua expressão facial. A utilização de estratégias de comunicação eficazes, para com este grupo de pessoas, ora sendo sua língua própria, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), ora outras estratégias, proporciona um bom desempenho no atendimento ao paciente. **OBJETIVO:** Descrever o conhecimento teórico-prático dos enfermeiros sobre as estratégias de comunicação utilizadas no atendimento aos pacientes com necessidade especial auditiva em um Hospital da Região Metropolitana da cidade do Recife. **MÉTODO:** Trata-se de um estudo descritivo, com abordagem quantitativa, realizado em unidades de internamento e atendimento de urgência de um Hospital da Região Metropolitana da Cidade do Recife, realizado nos meses de Janeiro e Fevereiro do ano de 2014, onde foi aplicado um questionário com cinco perguntas objetivas, no qual os enfermeiros responderam como se dá a comunicação com os pacientes acima descritos. **RESULTADOS:** De uma amostra de 59 enfermeiros, 66% tiveram contato com pacientes que apresentam surdez. Destes, 27,1% encontraram dificuldades para entender o que o paciente quis dizer através do meio pelo qual se expressava e explicar as informações necessárias para a admissão do paciente no setor. A estratégia de comunicação usada por 20,3% dos enfermeiros foi utilizar a ajuda do acompanhante neste processo de comunicação, seguida da mímica, com 8,5%. Apenas 1,7% utilizaram a Libras associada à outra forma de comunicação. **CONCLUSÃO:** As dificuldades encontradas e as estratégias utilizadas pelos enfermeiros na comunicação com pacientes com deficiência auditiva, demonstram a necessidade da inserção do ensino da Libras durante a formação acadêmica destes profissionais, caso isto não ocorra, durante os treinamentos e capacitações em serviço garantindo assim, uma assistência de saúde igualitária, como preconizam os princípios doutrinários do SUS.

DESCRITORES: Comunicação, Linguagem, Surdez, Enfermagem.

ABSTRACT

The communication between nurse and patient is one of the most important points for effective nursing care, favoring better bond with the patient. Some deaf can read lips and can understand people through their facial expression. The use of strategies for effective communication with hearing impaired and may be the very language of the hearing impaired the Brazilian Sign Language (Libras) or other strategies, provides good performance in patient care. **OBJECTIVE:** To identify the theoretical and practical knowledge of the nurses about communication strategies used in patient care with hearing needs in a hospital in the Metropolitan Region of Recife. **METHODS:** This was a descriptive study with a quantitative approach, performed in inpatient units and emergency care from a hospital in the Metropolitan Region of Recife, where a questionnaire with objective questions was applied, in which nurses responded how is the communication with the patients described above. **RESULTS:** In a sample of 59 nurses, 66 % had contact with patients with deafness. Of these, 27.1 % found it difficult to understand what the patient meant by the medium through which it was expressed and explain the information necessary for the patient's admission in the industry. The communication strategy used by 20.3 % of nurses, was to use the help of a companion in this communication process, then mime, with 8.5 %. Only 1.7 % used Pounds associated with another form of communication. **CONCLUSION:** The difficulties encountered and strategies used by nurses to communicate with patients with special needs hearing demonstrate the need to insert the teaching of pounds during the academic training of these professionals or if it does not, during training and in-service training thus ensuring assistance of egalitarian health, as advocated by the doctrine of Health System.

KEYWORDS: Communication , Language, Deafness , Nursing .

INTRODUÇÃO:

A inclusão social é um tema comumente discutido em nossa sociedade. O Brasil possui vários grupos minoritários, que buscam o devido reconhecimento e respeito às suas particularidades, e dentre estas, destacamos os deficientes auditivos, estas pessoas apresentam um déficit no processo de ouvir, podem ser classificados em surdos totais, quando apresentam ausência total da audição, ou surdos parciais, quando possuem audição, porém, com um déficit funcional ^{1,2,3}. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), aproximadamente 10% da população mundial possui algum tipo de deficiência auditiva, no Brasil o percentual é de aproximadamente 15% numa população que se aproxima de 200 milhões de habitantes ^{4,5}. Dentre as deficiências física, visual e auditiva, podemos verificar que o deficiente auditivo é o que encontra maior dificuldade de inclusão social, visto que a audição é um sentido fundamental para obtenção e uso da linguagem ⁶.

No serviço de saúde prestado ao público é necessário que haja uma busca pela garantia, no que diz respeito à equidade dos usuários e para tanto, devem ser consideradas as peculiaridades de cada beneficiário. No entanto, para que o sucesso no atendimento seja alcançado é necessário que o enfermeiro esteja preparado para interagir com o paciente. A falta de uma comunicação eficaz interfere no diálogo, impedindo a fiel transmissão das informações prestadas pelo paciente ao enfermeiro, dificultando assim o atendimento adequado e humanizado. A Constituição Federal de 1988 traz em seu artigo 196º, que a saúde é um direito de todos e dever do Estado, onde todos deverão ter seu direito garantido a acessibilidade as instituição de saúde, independente de ter ou não algum tipo de necessidade especial, garantindo um atendimento de qualidade e de forma eficaz ^{7,8,9}

Em 24 de abril de 2002, foi aprovada a Lei Federal n.º 10.436, na qual, a Língua Brasileira de Sinais, a Libras, se torna uma comunicação e expressão legalizada. Esta Lei estabelece em seu artigo 3º, a implantação da Libras em instituições públicas de saúde, favorecendo um atendimento e tratamento adequado aos surdos. De acordo com o Código de Ética do Profissional de Enfermagem (CEPE), no artigo segundo, é direito do enfermeiro “aprimorar seus conhecimentos técnicos, científicos e culturais que dão sustentação à sua prática profissional”. Pensando nisto, é de direito e dever do profissional de enfermagem a realização de capacitação em Libras, a fim de prestar uma assistência de qualidade e humanizada ^{10,11}.

A comunicação, tão essencial para o homem em toda sua complexidade é indispensável. Sendo assim, é de extrema importância que o profissional de saúde esteja apto a entender o que o surdo diz e saber adequar o seu atendimento, sua prestação de serviço, na língua própria do surdo, Libras, evitando intervenção por parte de um membro da família, ou qualquer outra pessoa, que esteja alheia ao processo de atendimento em saúde, levando a riscos de controvérsias de tradução e interpretação, acarretando possíveis omissões ou acobertamento de informações importantes que servem de base para o processo de diagnóstico e tratamento. ⁽¹²⁾.

A prática da Libras no atendimento em saúde, é um dos pontos iniciais para que haja um atendimento humanizado, possibilitando a garantia aos direitos dos usuários do SUS ¹³, incluindo o paciente com deficiência auditiva no Sistema. Fazendo desta forma, estaremos seguindo os princípios doutrinários do SUS de equidade, integralidade e universalidade ¹⁴, observando que, sem a comunicação não há meios para se compreender o que o outro quer demonstrar. Com um atendimento inclusivo, podem-se criar vínculos entre os componentes do Sistema de Saúde, conhecer as mais

diversas peculiaridades individuais de cada pessoa, dando aos pacientes com necessidades especiais, acesso às instituições de saúde ^{15,16}.

OBJETIVO GERAL

Descrever o conhecimento teórico-prático dos enfermeiros sobre as estratégias de comunicação utilizadas no atendimento aos pacientes com deficiência auditiva em um Hospital da Região Metropolitana da cidade do Recife.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Definir o perfil social dos enfermeiros de uma unidade de internação hospitalar e unidades de atendimento de urgência;
- Identificar estratégias de comunicação entre enfermeiros e paciente com deficiência auditiva;
- Identificar as principais dificuldades encontradas por enfermeiros, no atendimento do paciente deficiente auditivo;

MÉTODOS

A presente pesquisa trata-se de um descritivo, de abordagem quantitativa, realizado baseado num questionário estruturado, contendo cinco perguntas relacionadas ao perfil do profissional entrevistado e com relação ao atendimento deste, com o paciente com deficiência auditiva, listando suas dificuldades encontradas e estratégias utilizadas. A pesquisa foi realizada nas unidades de atendimento de urgência adulto, pediátrica e obstétrica, nas unidades de internamento adulto e pediátrico, e na unidade de internamento obstétrico de alto risco, do Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira (IMIP). A instituição é de caráter filantrópico, atua na área assistencial, de ensino e pesquisa, e atende preferencialmente os usuários do Sistema Único de Saúde.

A amostra foi composta por 59 enfermeiros assistenciais divididos entre as unidades de atendimento de urgência adulto, obstétrico e pediátrico, unidades de internamento hospitalar pediátrico, unidades de internamento hospitalar cirúrgico adulto masculino e feminino, e na unidade de internamento obstétrico de alto risco e que atuam nos turnos de trabalho nas modalidades diarista e plantonista. A coleta de dados foi realizada no período de Janeiro a Fevereiro do ano de 2014. Foram utilizados como critério de inclusão, enfermeiros assistenciais em curso de suas atividades profissionais, e como critério de exclusão, enfermeiros que se encontraram de férias e/ou licença médica.

O estudo respeitou a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, cuja pesquisa começou a ser executada, quando o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do IMIP (CEP-IMIP) aprovou o projeto. Todos os dados coletados foram armazenados confidencialmente, apresentados apenas para fins científicos. A instituição não teve ônus financeiro, oferecendo apenas o espaço para a pesquisa. Todos os participantes

foram devidamente esclarecidos sobre os objetivos do estudo e somente foram incluídos, quando concordaram em participar da pesquisa e assinaram o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”.

Os profissionais pesquisados foram submetidos à aplicação de um questionário estruturado (Apêndice), constituído por duas partes nas quais a primeira referiu-se ao perfil do enfermeiro e a segunda parte, das dificuldades encontradas por eles durante o atendimento aos pacientes com necessidade especial auditiva, e as estratégias utilizadas pelos mesmos, para o estabelecimento de uma comunicação entre profissional/paciente. Os dados foram coletados e analisados conforme suas variáveis, sendo dispostos posteriormente em tabelas tendo como suporte para análise os programas Google Docs, Excel 2010 e EPI- Info 7.

RESULTADOS

Foram entrevistados 59 profissionais enfermeiros graduados e pós-graduados, destes, sendo 92% do sexo feminino. A idade dos profissionais variou entre 20 e 60 anos, onde prevaleceu a faixa etária de 20 a 30 anos, sendo 52,5% diaristas, e 47,4% plantonistas.

Dentre os entrevistados, 66% haviam prestado assistência a pacientes com deficiência auditiva e 34%, assinalou que não tiveram contato com pacientes surdos no ambiente hospitalar para assistência. Os entrevistados responderam a questões referentes às dificuldades e estratégias de comunicação entre enfermeiros e pacientes com deficiência auditiva.

A tabela 1 mostra as dificuldades enfrentadas pelos enfermeiros no atendimento aos pacientes surdos. Dentre as opções, as dificuldades em entender o que o paciente quis dizer através pelo meio pelo qual se expressava atrelado a explicar as informações necessárias ao paciente, sobressaiu-se, sendo pontuadas por 27,1% dos entrevistados.

Tabela 1. Dificuldades encontradas pelos enfermeiros no atendimento aos pacientes com necessidade auditiva

DIFICULDADES	N	%
Entender o que paciente quis dizer através do meio pelo qual se expressava	8	13,5
Explicar as informações necessárias para a admissão do paciente no setor	8	13,5
A presença do acompanhante no repasse de informações particulares do paciente	0	0
Não encontrou dificuldades	4	6,8
Entender o que paciente quis dizer e explicar as informações necessárias	16	27,1
Entender o que paciente quis dizer e a presença do acompanhante	1	1,7
Entender o que o paciente quis dizer, explicar as informações e a presença do acompanhante	2	3,4
Não teve contato com paciente portador de necessidade auditiva	20	34

Desta forma, quando foram questionados sobre as estratégias utilizadas, 20,3% dos entrevistados, relataram a ajuda do acompanhante do paciente como sendo a estratégia mais utilizada. A mímica foi relatada por 8,5% dos enfermeiros. O conjunto de ajuda do acompanhante, a escrita e a mímica, foi relatado por 8,5% dos entrevistados. A leitura labial foi utilizada por 6,8%, juntamente com a ajuda do acompanhante atrelada à mímica, que obteve o mesmo percentual (6,8%). Nenhum dos profissionais utilizou a Libras de forma isolada. Apenas dois enfermeiros utilizaram-na, atrelando-a a outras formas como ajuda do acompanhante e a mímica, como mostra a tabela a seguir:

Tabela 2. Estratégias utilizadas pelos enfermeiros no atendimento aos pacientes com deficiência auditiva.

ESTRATÉGIAS	N	%
Ajuda do acompanhante do paciente	12	20,3
Escrita	1	1,7
Leitura Labial	4	6,8
Mímica	5	8,5
Leitura labial e Mímica	1	1,7
Ajuda do acompanhante e Mímica	4	6,8
Ajuda do acompanhante, Escrita e Mímica	5	8,5
Ajuda do acompanhante, escrita e leitura labial	2	3,4
Ajuda do acompanhante, Libras e Mímica	1	1,7
Ajuda do acompanhante e Libras	1	1,7
Ajuda do acompanhante, Leitura labial e Mímica	2	3,4
Escrita e Mímica	1	1,7
Não teve contato com paciente portador de necessidade auditiva	20	33,8

Com relação ao momento de implantação do ensino da Libras na formação profissional do enfermeiro, 47,5% dos entrevistados, assinalaram que deveria ocorrer durante a formação acadêmica. Um total de 25,4% dos enfermeiros relataram que esta implantação deveria ocorrer tanto na formação acadêmica quanto em treinamentos durante o exercício da profissão (tabela 3).

Tabela 3. Concepção dos enfermeiros sobre o momento de implantação do ensino da Libras.

PERÍODO	N	%
Durante a formação acadêmica	28	47,5%
Em treinamento durante o exercício da profissão	7	11,9%
Durante a formação acadêmica e prosseguindo para o treinamento em serviço	15	25,4%
Por iniciativa própria através de curso de especialização	4	6,9%
Não acho necessário	2	3,4%
Durante a formação acadêmica e por iniciativa própria através de especialização	2	3,4%
Em treinamento durante o exercício da profissão e por iniciativa própria através de especialização	1	1,7%

DISCUSSÃO

A inclusão social dos pacientes com necessidade auditiva nos serviços de saúde é essencial para a promoção e proteção da saúde. Porém, a falta da comunicação muitas vezes a impede, dificultando assim o atendimento humanizado¹⁷. Com relação à nomenclatura, pode-se afirmar que os surdos, ou Surdos com letra maiúscula, como proposto por alguns autores, são pessoas que não se consideram deficientes, utilizam uma língua de sinais, valorizam sua história, arte e literatura e propõem uma pedagogia própria para a educação das crianças surdas. Assim, contrariamente ao que muitos podem supor, o surdo que se identifica com a língua de sinais e a comunidade surda não gosta de ser chamado de deficiente auditivo. Os deficientes auditivos seriam as pessoas que não se identificam com a cultura e a comunidade surda¹⁸.

Quando se pensa o ambiente hospitalar, remete a ideia de um local de vulnerabilidade, insegurança, o que não deveria ser, pois neste ambiente o paciente precisa sentir-se seguro, fazendo com que ocorra uma comunicação adequada, na qual se possa manter vínculos de confiança entre o paciente e o profissional, vínculo este que faz parte dos princípios doutrinários do SUS^{15,19}.

Tendo em vista que o Brasil reconhece a Libras como Língua Oficial, o profissional da saúde tem o dever de promover um atendimento inclusivo à comunidade surda. De acordo com o Decreto nº 5626 de 22 de Dezembro de 2005, que regulamenta a Lei de Libras (nº 10426 de 24 de Abril de 2002), destaca para a área da saúde o capítulo VII da garantia do direito à saúde das pessoas surdas. Neste Decreto o artigo 25 anuncia:

“A partir de um ano da publicação deste decreto, o sistema único de saúde-SUS e as empresas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos de assistência à saúde, na perspectiva da inclusão plena das pessoas surdas ou com

deficiência auditiva em todas as esferas da vida social, devem garantir a atenção integral a saúde, nos diversos níveis de complexidade e especialidades médicas, efetivando:

IX – atendimento às pessoas surdas ou com deficiência auditiva na rede de serviço do SUS e das empresas que detém concessão ou permissão de serviços públicos de assistência à saúde, por profissionais capacitados para o uso da LIBRAS ou para sua tradução e interpretação; e

X – apoio à capacitação e formação de profissionais da rede de serviços do SUS para o uso de LIBRAS e sua tradução e interpretação”⁽²³⁾.

Pode ser comprovado neste trabalho que o número de pesquisas relacionadas ao tema é bastante escasso³. Com relação às estratégias utilizadas no atendimento ao deficiente auditivo, obtiveram-se resultados que mostram que a ajuda do acompanhante no momento do atendimento foi à estratégia mais utilizada, seguida pela mímica, e pela leitura labial. O surdo necessita de pessoas que não possam servir como canal de comunicação entre ele e as demais pessoas que não se comunicam utilizando a Libras. Raramente ocorreu a comunicação por meio da Libras, e quando este meio foi utilizado, necessitou do auxílio de outros métodos.

Os deficientes auditivos, ao procurarem os serviços de saúde, geralmente vão acompanhados por um ouvinte, que na maioria das vezes, é um familiar. A presença do acompanhante durante o atendimento é um método favorável na comunicação entre o paciente e enfermeiro, já que o acompanhante entende gestos, símbolos e expressões faciais utilizadas pelo surdo em sua comunicação. Outras vezes, a presença desta terceira pessoa, pode interferir no atendimento, pois por inibição, o paciente pode deixar de passar alguma informação que seja de caráter particular, no qual este ache que não deva ser exposto, apenas pela presença do acompanhante. Seria ideal que a consulta

fosse realizada diretamente entre profissional e paciente, para que o mesmo não se sinta constrangido. Por isso é importante que os profissionais conheçam a Libras, visando favorecer uma assistência humanizada e individualizada²⁰.

A língua de sinais é usada mundialmente com suas particularidades em cada continente. Mesmo que incorpore alguns sinais de outra cultura, ela se difere em cada região, caracterizando ainda mais a língua já que ela incorpora os regionalismos²¹. No Brasil, é conhecida como Língua Brasileira de Sinais (Libras). É uma modalidade espaço visual, pois o indivíduo surdo recebe e transmite informações através das mãos, e expressões faciais e corporais²².

Não foram encontradas referências mostrando a existência, na grade curricular dos cursos superior de enfermagem, de disciplina que contemple as condições de saúde dos deficientes, seus direitos e necessidades, o que possibilitaria um atendimento humanizado aos surdos⁷.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o período de graduação, geralmente é abordada a humanização da assistência de enfermagem, onde visa o paciente como um todo, seguindo os princípios do SUS, melhorando a qualidade no atendimento ao paciente. Mas para que isso ocorra, é necessário que haja uma comunicação com o mesmo, seja ela verbal ou não, pois se sabe que existem varias formas de se expressar. Uma comunicação eficaz é um fator de humanização à medida que contribui para a qualidade das interações humanas e facilita a satisfação das necessidades do paciente.

De acordo com os resultados obtidos, verificou-se que a opinião dos enfermeiros quanto ao aprendizado da Libras, deveria ocorrer durante a formação acadêmica, o que não pode ser realizado, visto que a disciplina de Libras não está presente na grade curricular do curso de enfermagem, como disciplina obrigatória, mas como disciplina alternativa, através de cursos de extensão.

RECOMENDAÇÕES

É necessário que os profissionais adquiram conhecimento sobre técnicas de comunicação, seja por meio da introdução de disciplinas específicas na grade curricular que focalizem o atendimento aos pacientes com necessidades especiais, seja por meio de cursos de especialização ou educação continuada no ambiente hospitalar²⁴.

Sabe-se que a Lei de Libras (nº 10.436/02), estabelece a implantação da Libras em instituições públicas de saúde, mas sabe-se também que a realidade é bastante diferente, pois não é possível identificar instituições de saúde, que tenha um interprete contratado.

A presença de um interprete pode melhorar o atendimento, pois de certa forma, ocorrerá comunicação com o surdo. Porém, esta não é uma forma de inclusão efetiva, é apenas uma maneira paliativa, pois se a consulta fosse realizada diretamente entre profissional e cliente, de fato seria um atendimento igualitário, individualizado e humano.

REFERÊNCIAS

1. Grossi JR, Santos DAS. Utilização da Língua Brasileira de Sinais no atendimento aos deficientes auditivos como forma de Humanização da Enfermagem 2009. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/22167/1/utilização-da-língua-brasileira-de-sinais-no-atendimento-aos-deficientes-auditivos-como-forma-de-humanização-da-enfermagem/pag1.html>. Visualizado em: 10 out 2013
2. Cardoso AHA, Rodrigues KG, Bachion MM. Percepção da pessoa com surdez severa e\ ou profunda acerca do processo de comunicação durante seu atendimento de saúde. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v14n4/pt_v14n4a13.pdf. Visualizado em: 10 Out 2013
3. Barbosa MA, Oliveira MA, Siqueira KM, Damas KCA, Prado MA. Língua Brasileira de Sinais: um desafio para assistência de enfermagem. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v11n3/v11n3a02.pdf> _Visualizado em: 15 Out 2013
4. Barbosa M, Chaveiro N. Assistência ao surdo na área de saúde como fator de inclusão social. Rev. Esc. Enfermagem USP. 2005.
5. Brasil: Ministério da Justiça. Programa de Ação Mundial para as Pessoas com Deficiência. Brasília: CORDE; 1996.
6. Instituto Brasileiro dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Inclusão social da pessoa com deficiência: medidas que fazem a diferença - Rio de Janeiro: IBDD, 2008. Disponível em <http://www.ibdd.org.br/arquivos/inclusaosocial.pdf>) – Acessado em 10 Out 2013
7. Santos EM, Shiratori K - As necessidades de saúde no mundo do silêncio: um diálogo com os surdos. Revista Eletrônica de Enfermagem, Goiânia v. 06, n. 01, jan./abril 2004. Disponível em www.fen.ufg.br. Acessado em 11 out. 2013.
8. Junior RUG, Santos DAS. Utilização da Língua Brasileira de Sinais no Atendimento aos Surdos\ Deficientes Auditivos como Forma de Humanização da Enfermagem. Disponível em: <http://editora-arara-azul.com.br/novoeaa/revista/?p=191>– Acessado em 10 Out 2013. Disponível em: <http://www.surdo.com.br/surdos-brasil.html> Acessado em: 10 Out 2013
9. Constituição da Republica Federativa do Brasil 1988. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm - Acessado em 11 out. 2013
10. Conselho Federal de Enfermagem, Resolução Cofen 160/1993 Disponível em <http://pnass.datasus.gov.br/documentos/normas/109.pdf> Acessado em: 14 Out 2013

11. Conselho Federal de Enfermagem, Resolução Cofen -311\2007. Disponível em: http://novo.portalcofen.gov.br/resoluo-cofen-3112007_4345.html . Acessado em: 11 out. 2013.
12. Brasil, Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acessado em 11 out. 2013.
13. Raimundo RJS, Santos TA. A Importância Do Aprendizado Da Comunicação Em Libras No Atendimento Ao Deficiente Auditivo Em Serviço De Saúde. Disponível em: <http://www.fara.edu.br/sipe/index.php/renefara/article/view/126/112>>. Acessado em: 11 Out. 2013.
14. Brasil: Ministério da Saúde. Carta dos direitos dos usuários da saúde / Ministério da Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2006.8 p. (Série E. Legislação de Saúde) – Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/biblioteca/livros/cartaosusuarios02.pdf> - Acessado em: 12 de outubro de 2013.
15. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Sistema Único de saúde (SUS): Princípios e Conquistas\ Ministério da Saúde, Secretaria Executiva- Brasília: Ministério da Saúde, 2000. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/sus_principios.pdf - Acesso em: 11 out de 2013.
16. Brasil, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde - Política Nacional de Saúde da Pessoa Portadora de Deficiência / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008 – Disponível em http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_pessoa_deficiencia.pdf
17. Chaveiro N, Barbosa MA. A surdez, o surdo e seu discurso. *Rev Eletrônica de Enfermagem*. 2004;6(2):166-71
18. Bisol CA, Valentini CB. Surdez e Deficiência Auditiva - qual a diferença? Objeto de Aprendizagem Incluir – UCS/FAPERGS, 2011. Disponível em: http://www.grupoelri.com.br/Incluir/downloads/OA_SURDEZ_Surdez_X_Def_Audit_Texto.pdf. Acessado em 15 de Abril de 2014.)
19. Silva LMG, Brasil VV, Guimarães HCQCP, Savonitti BHRA, Silva MJP. Comunicação não verbal: reflexões acerca da linguagem corporal. *Rev Latinoam Enferm Ribeirão Preto*. 2000;8(4):52-8
20. Chaveiro N, Barbosa MA, Porto CC. Revisão de literatura sobre o atendimento ao paciente surdo pelos profissionais da saúde. *Rev. esc. enferm. USP* [online]. 2008, vol.42, n.3, pp. 578-583. ISSN 0080-6234. <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342008000300023>.) Acessado em: 12 abril 2014

21. Chaveiro N, Barbosa MA, Porto CC. Revisão de literatura sobre o atendimento ao paciente surdo pelos profissionais da saúde. Rev Esc Enferm USP. 2008;42(3):578-83.).
22. Dizeu LCTB, Caporali SA. A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito. Educ. Soc. 2005;26(91):583-97.). (<http://apps.einstein.br/revista/arquivos/PDF/1339-Einsteinv8n1p80-85.pdf>) Acessado em: 12 abril 2014.
23. Brasil Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro 2005 regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS, e o art. 18 da Lei n. 10.098 DE 19 de dezembro de 2000 [legislação na internet]. Brasília: 2005. Disponível em: http://200.181.15.9/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acessado em: 12 de abril 2012.
24. Britto, FR, Samperiz MMF. Dificuldades de comunicação e estratégias utilizadas pelos enfermeiros e sua equipe na assistência ao deficiente auditivo. Einstein (São Paulo);8(1), janeiro-mar.2010. graf, tab. Disponível em: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/>. Acessado em 13 de abril de 2014.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO:

“Estratégias de comunicação utilizadas por enfermeiros de um Hospital da Região Metropolitana da cidade do Recife, no atendimento a pacientes com necessidades especiais auditivas.”

1. Perfil do profissional:

1.1. Gênero:

Masculino;

Feminino.

1.2. Idade: _____.

1.3. Categoria profissional:

Graduado em Enfermagem;

Pós Graduado em Enfermagem.

1.4. Área de atuação:

Unidade de Atendimento de Urgência Adulto;

Unidade de Atendimento de Urgência Obstétrica;

Unidade de Atendimento de Urgência Pediátrica;

Unidade de Internamento Hospitalar Pediátrico;

Unidade de Internamento Hospitalar Cirúrgico Adulto Feminino e Masculino;

Unidade de Internamento Hospitalar Obstétrico de Alto Risco.

1.5. Turno de trabalho:

Diarista

Plantonista

1.6. Tempo de atuação na área:

0 a 5 anos;

6 a 10 anos;

11 a 15 anos;

16 a 20 anos;

Mais de 21 anos.

1.7. Tempo de Serviço nesta Instituição Hospitalar:

- 0 a 5 anos;
- 6 a 10 anos;
- 11 a 15 anos;
- 16 a 20 anos;
- Mais de 21 anos.

2. Você já prestou atendimento a pacientes com necessidade especial auditiva?

- 2.1. Sim;
- 2.2. Não.

(Se você assinalou o item 2.1, responda às questões a seguir, caso tenha assinalado o 2.2, passe para a questão 5).

3. Qual(is) a(s) dificuldade (s) que você enfrentou no atendimento ao paciente com necessidade especial auditiva?

- Entender o que o paciente quis dizer, através do meio pelo qual se expressava;
- Explicar as informações necessárias para a admissão do paciente no setor;
- A presença do acompanhante, no repasse de informações particulares do paciente;
- Não encontrou dificuldades.

4. Que estratégia foi utilizada na Assistência de Enfermagem a este paciente?

- Ajuda do Acompanhante do paciente;
- Escrita;
- Leitura Labial;
- LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais);
- Mímica;
- Não conseguiu estabelecer comunicação.

5. Em que momento da formação profissional do enfermeiro, você acha que deva ser implantado o ensino da LIBRAS?

- Durante a formação acadêmica;
 - Em treinamentos durante o exercício;
 - Em ambos os itens 5.1 e 5.2;
 - Por iniciativa própria através de cursos de especialização;
 - Não acha necessário o conhecimento da LIBRAS.
-

"Como se sabe, a língua além de ser o principal veículo de comunicação, é também o mais importante meio de identificação do indivíduo com sua cultura e o suporte do conhecimento da realidade que nos circunda. O problema das minorias linguísticas é, pois, muitas vezes, não apenas a privação da língua materna, mas, sobretudo a privação de sua identidade cultural."

Lucinda Bn rito.